

Duelo O número de novos infetados pela covid-19 aumentou nas últimas semanas e há vários focos por todo o país

Fausto Pinto

Director da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa



Pedro Simas

Virologista

COVID-19: TERÁ O PAÍS DESCONFINADO DEMASIADO DEPRESSA?

SIM Para os que ainda duvidam da eficácia do confinamento, um trabalho publicado na prestigiada revista "Nature" veio mostrar que, até 4 de maio, foram poupadas cerca de 3 milhões de vidas em 11 países europeus (Portugal não está incluído nesta análise, mas por extrapolação teriam sido cerca de 50 a 60 mil óbitos adicionais, além de que teria sido a destruição do nosso sistema de saúde). Este é o número de mortes que foram evitadas, mas do que pouca gente fala, porque não vê (mas nós, médicos, vemos), são das morbilidades significativas associadas para os que sobrevivem, com semanas ou meses de recuperação lenta, em muitos casos com sequelas para toda a vida. Em média, cada pessoa que morreu nos EUA por covid-19 teria ainda cerca de 10 a 11 anos de vida útil. É importante perceber que o esforço que foi exigido foi totalmente justificado, numa sociedade moderna, civilizada, que põe a preservação da vida humana em primeiro lugar. Os passos seguintes não são menos importantes, e um des-

confinamento adequado e atempado é fundamental, para que o esforço do confinamento não se perca. É claro, hoje em dia, que não é possível haver imunidade de grupo de forma natural, pois tal corresponderia a um verdadeiro genocídio, além de que levaria à destruição de qualquer sistema de saúde, bem como da economia, de forma quase irremediável. Numa altura em que é essencial dar indicadores positivos para o exterior, tem de se ser muito rigoroso na forma como o desconfinamento é preparado e implementado. Um dos elementos mais críticos consiste na

adoção de uma postura pedagógica e de grande rigor para com a população, não a infantilizando, repetindo que "está tudo bem e sob controle", quando neste momento somos, conjuntamente com a Suécia, os dois países europeus com maior taxa de crescimento de indivíduos infetados, o que mostra, objetivamente, que fomos rápidos demais. Daí que países em fases mais avançadas de desconfinamento, como a Dinamarca ou a Grécia, tenham excluído Portugal, o que só pode espantar a quem viva na ilusão que "está tudo bem e sob controle". É, pois, fundamental encarar a situação em Portugal de forma adulta e responsável, com uma grande assertividade quanto à necessidade de se manterem todas as indicações relativamente ao distanciamento social. E isto à velocidade adequada, pois a pressa foi sempre má conselheira. A estratégia tem de ser, pois, tanto quanto possível, de supressão, pois é a única maneira de podermos retomar as nossas vidas, incluindo a nossa economia, de forma segura e eficaz. Caso contrário, estaremos sempre a lamentar o fado de ser portugueses!!!

NÃO Portugal está a desconfinar na altura certa. Temos o número de novas infeções por dia controlado (com uma média de aproximadamente 300 nos últimos 70 dias). O Serviço Nacional de Saúde está capacitado. Temos uma excelente taxa de testagem para deteção de infeções. E, na ausência de uma vacina, temos de construir uma imunidade de grupo para solucionar a pandemia. Ficar em isolamento, à espera, não é solução.

Mas, atenção, não podemos aliviar demasiado as medidas de distanciamento social. O potencial pandémico é maior agora do que no início da pandemia. O vírus SARS-CoV-2 tem uma capacidade de transmissão muito alta e está agora disseminado por todo o país e por todo o mundo. A maioria da população portuguesa e mundial ainda é suscetível à infeção. Apesar de ainda não ter sido realizado um estudo serológico em Portugal, estima-se que a imunidade populacional ronde os 2% ou 3%.

Portanto, não podemos dar um passo atrás e confinar outra vez.

Mas desconfinar é difícil. E como sabemos isso? Porque Pequim, ao fim de 56 dias sem nenhum caso de infeção transmitida localmente, voltou a ter um surto. Porque em Singapura, onde a primeira onda de infeções foi controlada precocemente, o vírus regressou, causando centenas de novos casos por dia. Porque na Coreia do Sul, as infeções aumentaram assim que a sociedade começou a relaxar as regras de distanciamento.

Porque a Nova Zelândia, poucos dias depois de declarar a erradicação do vírus, voltou a registar casos importados de infeção. Porque a Suécia, que adotou medidas de confinamento um pouco menos severas que os seus países vizinhos, teve muita dificuldade em proteger os grupos de risco.

E então como desconfinamos? Vivemos numa sociedade complexa e plural, pelo que criar regras que funcionem de forma transversal é difícil. Mas existe uma regra que funciona e já temos provas disso: o distanciamento. A principal forma de transmissão da infeção ocorre por via respiratória em situações de contacto próximo. Não temos de ficar confinados, mas temos de usar a regra dos três cês: evitar *close contacts* (contactos próximos), *closed spaces* (espaços fechados) e *crowded spaces* (espaços lotados). O nosso comportamento como sociedade é fundamental para construir a tão desejada imunidade de grupo, protegendo os grupos de risco.

A pressa foi sempre má conselheira. A estratégia tem de ser de supressão

Criar regras que funcionem de forma transversal é difícil. Existe uma que funciona: o distanciamento